

2. Um breve histórico da apiterapia no Brasil e no mundo

José Maurício Sforcin
Wilson Antonio Weis
Nicolas Ripari
Fernanda Lopes Conte
Mariana da Silva Honorio
Arthur Alves Sartori
Karina Basso Santiago

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SFORCIN, J. M., WEIS, W. A., RIPARI, N., CONTE, F. L., HONORIO, M. S., SARTORI, A. A., and SANTIAGO, K. B. Um breve histórico da apiterapia no Brasil e no mundo. In: *Apiterapia: medicamentos das abelhas e possíveis tratamentos* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2022, pp. 15-21. ISBN: 978-65-5714-297-4.

<https://doi.org/10.7476/9786557142974.0003>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

2

UM BREVE HISTÓRICO DA APITERAPIA NO BRASIL E NO MUNDO

A história evolutiva dos insetos mostra que as abelhas existem há milhões de anos, enquanto a existência do homem representa apenas uma fração minúscula desse espaço de tempo (Crane, 2015). O gênero *Apis* compreende várias espécies e subespécies, que vivem em colônias denominadas “colmeias”, com grande número de indivíduos. A relação entre homens e abelhas remonta aos primeiros dias de nossos ancestrais, e essa interação deve ter ocorrido antes mesmo do surgimento do *Homo sapiens* (Boesch; Head; Robbins, 2009). Documentos etnográficos e arte rupestre demonstraram que primatas não humanos utilizavam ferramentas para acessar colmeias (Crittenden, 2011). De fato, a história das abelhas e seus produtos se encontra registrada em escavações arqueológicas, pinturas rupestres, hieróglifos e templos (Zhu; Wongsiri, 2008; Crittenden, 2011).

A apicultura começou quando humanos começaram a criar suas próprias abelhas em cavidades artificiais nas quais elas podiam viver e produzir. Mel, pólen e larvas de abelhas faziam parte da dieta dos primeiros membros do gênero *Homo* (Crittenden, 2011). Homens primitivos

aprenderam a procurar colmeias e foram certamente os primeiros a empregar a apiterapia em picadas de abelhas. O mel é usado há milhares de anos, como se observa em vários textos religiosos, incluindo os Vedas, o Alcorão e a Bíblia (Ali, 2012). Nos últimos anos, tem ganhado destaque por ser um produto natural com propriedades nutricionais e terapêuticas (Cucu et al., 2021).

A apiterapia foi explorada empiricamente na China e no Egito antigo para tratamento de feridas, doenças e dores. Romanos e gregos também utilizavam produtos apícolas para fins medicinais. Ela é tradicionalmente reconhecida em muitos países, como Romênia, Lituânia, Eslovênia, Bulgária, Alemanha, Suíça e Nigéria (Ayan-sola; Davies, 2012; Trumbeckaite et al., 2015).

O desenvolvimento científico e tecnológico não é acessível a todas as populações do planeta e, conseqüentemente, o alcance à medicina tradicional é restrito. Por sua vez, a apiterapia apresenta uma abordagem acessível e eficaz de cuidados com a saúde a partir de produtos derivados das abelhas, uma vez que uma colônia de abelhas é uma “fábrica farmacêutica” (Zhu; Wongsiri, 2008), como pretendemos apresentar neste livro.

A apiterapia é um ramo da medicina baseado no conhecimento tradicional transmitido por algumas civilizações e complementar à alopatia. Sua abordagem sobre a cura, entretanto, é basicamente integrativa (Habryka; Kruczek; Drygaś, 2016) e tem como objetivo a restauração do equilíbrio das funções corporais (homeostase). Para isso, emprega produtos derivados das abelhas isoladamente (apimedicina) ou combinados com plantas medicinais e seus derivados (apifarmacopeia), bem como segue protocolos clínicos que incorporem o uso dessas duas perspectivas (Gupta; Stângaciu, 2014). A apiterapia pode, por exemplo, ser utilizada para tratamento da inflamação subclínica crônica, de difícil diagnóstico inicial, com o uso de veneno de

abelha, que possui em sua composição um poderoso anti-inflamatório natural, a melitina (Lee; Bae, 2016).

A apiterapia tem sido aplicada para tratar várias doenças (artrite, infecções, esclerose múltipla etc.) e seus sintomas, bem como dor, lesões, feridas e queimaduras; no entanto, o tratamento requer paciência e perseverança e deve ser adaptado a cada indivíduo, por causa de diferentes reações biológicas de cada pessoa (Habryka; Kruczek; Drygaś, 2016).

Hellner et al. (2008) relataram o uso da apiterapia entre apicultores alemães, descrevendo as diretrizes propostas por Stefan Stângaciu, importante referência da área. De acordo com essas recomendações, é importante verificar inicialmente possíveis alergias aos produtos das abelhas. Pequenas doses podem ser utilizadas para tratar alergias aos produtos derivados de abelhas (como pólen, veneno e mel). A dosagem deve ser aumentada gradualmente e estabelecida com precisão de acordo com idade, peso, condição física e tempo de aplicação. Diferentes veículos podem ser usados para atingir a área afetada, como líquidos (chá, água, sucos), cremes, pomadas, supositórios, injeções e inalação. A duração do tratamento pode variar de acordo com o biorritmo e a doença do paciente. O tratamento prescrito deve ser, portanto, personalizado, especialmente para tratar doenças crônicas. Supõe-se que os produtos de abelhas apresentam efeito sinérgico com um estilo de vida saudável. Além disso, nem todas as pessoas reagem de forma semelhante aos tratamentos, sendo recomendada uma abordagem gradual (ibidem).

No Brasil, a apiterapia é uma prática em expansão e, a partir de março de 2018, passou a fazer parte do rol da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), criada pelo Ministério da Saúde para estimular mecanismos naturais de prevenção de doenças e promover a saúde por meio de práticas eficazes e seguras,

com o objetivo de integrar o ser humano ao meio ambiente e à sociedade a partir de uma abordagem holística (Brasil, 2021). Essa política busca monitorar as práticas médicas complementares ou alternativas e implementá-las na rede de saúde pública do Brasil.

Em 2006, quando foi criada, a PNPIC disponibilizava pelo Sistema Único de Saúde (SUS) apenas cinco procedimentos. Em 2017, foram incorporadas mais quatorze atividades (Bassette, 2018). Segundo dados obtidos em 2019, a PNPIC esteve disponível em 17.335 serviços da Rede de Atenção à Saúde prestados em 4.297 municípios (Brasil, 2020a).

Além da apiterapia, passaram a integrar a lista do SUS a acupuntura, a medicina antroposófica, a aromaterapia, a terapia com florais, a ozonioterapia, a cromoterapia, a constelação familiar, a hipnoterapia, a imposição de mãos, a bioenergética, a geoterapia.

A apiterapia e outras terapias complementares não eram reconhecidas pelo Conselho Federal de Medicina, por não apresentarem estudos padronizados quanto aos seus benefícios e riscos. Houve resistência da sociedade biomédica e disputas de interesse no processo de institucionalização das terapias alternativas no Brasil. Apesar do avanço na disseminação dessas práticas, as ações da gestão federal não foram acompanhadas de mudanças significativas na formação dos profissionais da área médica e na prática hegemônica em saúde (Silva, G. K. F. et al., 2020).

O apiterapeuta é o indivíduo capacitado e certificado por curso idôneo para a prática profissional, mas não é necessária qualificação acadêmica na área da saúde, pois se trata de um curso livre e não reconhecido pelo Ministério da Educação. Entretanto, o paciente a ser submetido à apiterapia deve receber informações claras e completas sobre a prática e assinar um termo de livre consentimento para se submeter ao tratamento apiterapêutico (Henrique, 2019).

É importante estar atento às possibilidades de formação existentes em nível nacional. A Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo (SMS-SP) oferece residência multiprofissional em Atenção Básica / Saúde da Família e Comunidade pelo Programa Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PRMPICS), homologada pelo Programa Nacional de Bolsas para Residência Multiprofissional em Saúde (Portaria MS n.379, de 24 de dezembro de 2015).

Esta residência multiprofissional tem duração de dois anos e vagas para profissionais graduados em Ciências Biológicas, Educação Física, Enfermagem, Farmácia e Bioquímica, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição, Psicologia, Serviço Social e Terapia Ocupacional. O objetivo é ampliar as ações de promoção da saúde, prevenir e tratar doenças, melhor acolher os usuários e contribuir para a política de humanização dos serviços, utilizando recursos sustentáveis e incluindo as seguintes modalidades e recursos terapêuticos: medicina tradicional chinesa (acupuntura), medicina antroposófica, homeopatia, medicina ayurveda, plantas medicinais (fitoterapia), termalismo social e crenoterapia, osteopatia, quiropraxia, musicoterapia, arteterapia, terapia comunitária integrativa, naturopatia, reiki, shantala, yoga, dança circular, meditação e outras práticas reconhecidas pela PNPIC.¹

Recentemente, no estado de Santa Catarina, foi recomendado aos profissionais da área da saúde a aplicação de tratamentos integrativos e complementares (incluindo a apiterapia) em pacientes com Covid-19,

1 Para mais informações, consultar as Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS. Disponível em: <https://aps.saude.gov.br/ape/pics/praticasintegrativas>. Acesso em: 28 jul. 2022.

como intervenção complementar, individualizada e moderada (Brasil, 2020b).

A apiterapia tem sido considerada uma prática benéfica, pois os produtos das abelhas fornecem nutrientes e substâncias ativas que restauram a saúde e a energia vital. Em geral, apicultores não se consideram apiterapeutas, embora a maioria deles tenha relatado benefícios ao utilizar produtos apícolas (Hellner et al., 2008).

Dependendo da fonte, a composição química dos produtos derivados de abelhas pode variar e, conseqüentemente, suas ações terapêuticas (Chen et al., 2000; Aljaghwan et al., 2021). A qualidade desses produtos é influenciada por fatores como solo, fontes botânicas, clima, métodos de colheita e armazenamento. Por isso, para não expor o paciente aos riscos de contaminação e otimizar os resultados, é importante definir as condições em que os produtos apícolas são obtidos.

O uso de produtos derivados de abelhas provavelmente começou empiricamente e com resultados interessantes. Esse conhecimento prático é muito importante e útil, mas é necessária pesquisa científica para comprovar sua eficiência. Nesse sentido, ao elaborarmos este livro, algumas questões importantes foram levantadas sobre a apiterapia:

1. Como são estabelecidos os parâmetros para utilização dos produtos de abelhas, no que diz respeito à origem, quantidade ou concentração, tipo de extração ou preparação e outras questões práticas?
2. Com o avanço da pesquisa nas últimas décadas, esse conhecimento científico tem sido aplicado por apiterapeutas?
3. Como apiterapeutas padronizam o uso e as aplicações de produtos apícolas?
4. Pode haver efeitos adversos ou interação entre produtos derivados das abelhas e outros medicamentos?

Por essas razões, é necessário estabelecer melhor comunicação entre apicultores, apiterapeutas, pesquisadores, nutricionistas, médicos, vendedores e consumidores de produtos apícolas.